

OS DISCURSOS FEMINISTAS DAS MULHERES MUÇULMANAS NOS HARÉNS DE FATIMA MERNISSI

Priscilla Cláudia Pavan de FREITAS*

- **RESUMO:** O presente artigo analisa os discursos feministas que são construídos a partir dos enunciados sobre as mulheres muçulmanas do convívio familiar de Fatima Mernissi. Estes são revelados por intermédio de um discurso constituinte, isto é, discurso de origem, que, neste caso, é uma obra literária de cunho autobiográfico, escrita pela própria protagonista Fatima, a qual narra as suas memórias de infância e os diálogos com as mulheres com quem conviveu em dois haréns (um em Fez e outro em uma fazenda familiar). Os discursos analisados evidenciam mulheres que almejam transgredir fronteiras dentro de suas próprias circunstâncias sociais por meio de diferentes agências (sujeitos agentes). Entende-se por “agências” a “capacidade de cada pessoa de realizar seus interesses individuais, em oposição ao peso do costume” (MAHMOOD, 2019). Logo, o artigo permite refletir sobre a condição das mulheres muçulmanas marroquinas e sobre seus diferentes objetivos liberatórios e, assim, compreender de que forma a desigualdade de gênero pode aparecer em uma sociedade na qual se perpetuam valores patriarcais em detrimento da igualdade proposta nos pilares da fé e da prática islâmicas.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Discurso feminista. Mulheres muçulmanas. Agências. Discurso constituinte. Fatima Mernissi.

Introdução

O ano era 2021; a Rede Globo de televisão reprisava, pela 3ª vez, a telenovela *O clone*, sucesso de público lançado em 2001, ano do fatídico ataque às Torres Gêmeas nos Estados Unidos. O núcleo da novela está no romance das personagens Jade (uma muçulmana de família marroquina, mas criada no Rio de Janeiro) e Lucas (um brasileiro, filho de um empreendedor da área de importação e exportação de alimentos que negocia, dentre outros clientes, com os marroquinos). A trama acontece, na maior parte do tempo, em Fez, Marrocos, e, por essa razão, muitos costumes e tradições dos muçulmanos marroquinos são retratados, a exemplo da

* Doutora em Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Faculdade de Letras, Centro de Comunicação e Letras. São Paulo, SP, Brasil. – aisha-1982@hotmail.com.

prática de negociação entre os homens, os casamentos arranjados entre famílias, os dotes oferecidos às noivas, as preces diárias, a separação dos espaços de homens e mulheres e até mesmo o uso de expressões islâmicas. Há, na novela, várias personagens marroquinas que despertam fascínio no telespectador, sobretudo as femininas, por exemplo, Latiffa, a prima de Jade, uma jovem que mora com o seu tio, Ali, em Marrocos, e sonha com um casamento perfeito, com um marido que lhe encha de agrados e seja um bom muçulmano. Latiffa é uma mulher dócil e que aceita, sem questionar, o que os homens da família lhe impõem. Para ela, isso é felicidade. Zoraide, outra personagem, é uma espécie de governanta da casa de Ali. Ela é perspicaz, protetora e uma boa conselheira para Jade e Latiffa. Ela é temente a Deus, acredita no destino divino, mas também crê na leitura mística do destino feita em borra de café. Jade, entretanto, é a personagem que mais chama a atenção, pois, apesar de ser muçulmana, é considerada uma rebelde por sua família, porque ela questiona alguns dos costumes seguidos, como a obrigatoriedade de um casamento arranjado. Jade pode ser interpretada como uma mulher que transgride os limites impostos, pois ela clama, mediante atitudes e discursos, por uma situação diferente para as muçulmanas em Marrocos e no Rio de Janeiro, local onde ela passa parte de sua vida.

Essas três personagens femininas convivem em um harém, em Marrocos, um lugar que é seguro, confortável, mas que apresenta inúmeras fronteiras às mulheres. Similar à personagem ficcional Jade, há, em outra história, agora real, a menina Fatima, uma jovem que nasceu e foi criada em um harém de Marrocos e que questionou, durante a sua vida, os privilégios dos homens muçulmanos em relação às mulheres muçulmanas. Fatima se baseia na própria religião islâmica para apresentar os seus argumentos em defesa das mulheres.

Fatima (a mãe da Fatima), tia Habiba, prima Chama, avó Yasmina e a escrava Mina são algumas das mulheres muçulmanas que aparecem no livro *Sonhos de transgressão: minha vida de menina num harém*, de autoria da marroquina Fatima Mernissi. A obra é uma autobiografia de sua vida enquanto criança, em que ela expõe muitos costumes culturais a que mulheres como ela foram submetidas. Dentre as mencionadas por Fatima há as questionadoras, as dóceis e, até mesmo, as sábias. As variadas mulheres marroquinas de Mernissi, em alguns aspectos, lembram as que compõem a novela *O clone*, e, quer na ficção, quer na realidade, todas elas, por meio dos seus enunciados, vão revelando seus diferentes discursos feministas pautados nos fundamentos da religião islâmica.

Este trabalho tem por escopo analisar os discursos feministas que são construídos pelas mulheres muçulmanas dos haréns frequentados por Mernissi. As personagens analisadas são responsáveis pela divulgação de uma cultura feminina e feminista muçulmana a respeito de um país que tem, por costume, a existência de haréns, a superproteção às mulheres e a desigualdade de gênero. Essas mulheres, mediante enunciados, denunciam fronteiras que lhes foram

impostas e revelam os seus desejos de transpô-las dentro de suas próprias circunstâncias sociais.

Como fundamentação teórica para este artigo, foi utilizada a concepção de Maingueneau (2010, 2012) sobre o discurso constituinte literário que é atravessado pelo discurso feminista e religioso das mulheres muçulmanas. Foram aproveitados, também, os estudos de Barlas (2012) no que se refere à situação da mulher muçulmana no mundo globalizado, tendo-se em vista que a personagem Fatima e suas conterrâneas situam-se em um Marrocos invadido por espanhóis e franceses; logo, entre os países, são ultrapassadas, além das fronteiras geográficas, as culturais. As ideias de Mahmood (2019) sobre agência feminina também serviram de aporte, visto que os seus estudos sobre teorias feministas e sujeitos liberatórios ajudam a compreender os diferentes projetos e desejos das mulheres marroquinas no livro de Mernissi.

As interferências ocidentais em Marrocos contribuíram para mudanças no pensamento oriental. Vestimentas, costumes, entretenimento, tudo isso propiciou a aclimatação cultural do Ocidente no Marrocos. O livro em questão se passa no período das disputas entre o Protetorado francês e o Protetorado espanhol, que se estendeu entre 1912 e 1956, impondo a Marrocos uma partilha entre um norte mais pobre e um centro-sul mais desenvolvido sob domínio francês. As mulheres muçulmanas marroquinas, diante desse cenário, refletirão essas mudanças e buscarão cada vez mais transgredir as fronteiras (culturais, sociais, de gênero) que lhes são incutidas.

Diferentes mulheres aparecem na obra de Mernissi e, embora seguindo a mesma religião e morando em um espaço similar (harém Fortaleza e harém Fazenda, daí o plural “haréns” do título do artigo), elas têm projetos e interesses individuais, o que evidencia vários discursos feministas, e não apenas um. Apesar dessa heterogeneidade de propósitos, deve-se salientar que as mulheres selecionadas da narrativa se mobilizam à sua maneira para conquistar, também, um objetivo em comum, que é a igualdade religiosa – como proposta no *Alcorão*, livro sagrado dos muçulmanos –, a qual, por vezes, é negligenciada ou ignorada pelos homens dos haréns.

Para Mahmood (2019), a ideia dos vários projetos feministas pode ser explicada pelo conceito de “agência”, entendido como “[...] capacidade de cada pessoa para realizar seus interesses individuais, em oposição ao peso do costume, tradição, vontade transcendental ou outros obstáculos individuais e coletivos” (Ibid., p. 143). Destarte, diferentes discursos feministas são possíveis advindos de uma mesma religião porque há diferentes agências, e estas, para a autora, não são sinônimos de “resistência” em relação de dominação, mas sim, uma “[...] ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas” (Ibid., p.139). Essa noção é muito cara a este trabalho, uma vez que sujeitos são analisados individualmente pelos seus discursos e projetos, e não como parte de

uma massa homogênea ideológica. Segundo Mahmood (2019), apenas quando o conceito de “agência” se desliga da ideia da “resistência” é que se torna possível desenvolver questões analíticas que são cruciais para o entendimento das vontades das mulheres feministas que aparecem em Mernissi. Essa ideia ficará mais clara nas análises dos sujeitos a seguir.

Sonhos de transgressão, sonhos de igualdade e outros sonhos

Fatima Mernissi é uma das maiores autoridades intelectuais sobre os costumes islâmicos da atualidade. Ela faleceu em 2015, em Marrocos, sua terra natal, deixando um legado de mais de 10 livros com narrativas que mostram, entre outras particularidades, retratos de sua infância e sua realidade como mulher numa sociedade imbuída de cultura patriarcal, além das reflexões sobre os estereótipos que muitos homens ocidentais fazem do harém árabe, como sendo espaço opressor, cheio de sultões com concubinas que os satisfazem sem manifestar os desejos delas.

Fatima cresceu dentro de um harém doméstico em Fez, Marrocos, com a sua mãe e sua avó, uma das nove esposas de seu avô. Os pais de Fatima tiveram um casamento monogâmico, e seu pai tinha um pensamento progressista, tanto que assentiu que Fatima estudasse e buscasse uma profissão, diferente de sua mãe e avó que não tiveram essa mesma oportunidade. Fatima estudou Ciências Políticas na Sorbonne, França; cursou o Doutorado na Universidade Brandeis, Estados Unidos; foi historiadora, ensaísta e docente universitária em Marrocos; ademais, obteve destaque pelos estudos da religião islâmica e pela defesa dos direitos das mulheres muçulmanas, sendo considerada como uma das principais autoras da “segunda onda” do feminismo islâmico. Fatima conseguiu, na sua vida pessoal, ultrapassar as **fronteiras** que lhe impuseram, por ter sido uma mulher muçulmana num país que ainda conservava o pensamento patriarcal. Além disso, cabe mencionar que a palavra **fronteiras** (*hudud*, transliterado do árabe) encontra-se em destaque porque ela é uma constante no livro em questão.

A palavra *hudud* pode ter mais de um significado: em uso geográfico, ou físico-espacial, é traduzida como **fronteira**; em uso linguístico, como **limitações**; em uso religioso, associa-se às **fronteiras** ou **limites** de Deus que não devem ser ultrapassados para não haver punição¹. No livro de Mernissi, a palavra aparece em diferentes momentos, expressando em cada um deles os seus diferentes usos, conforme exemplifica a tabela abaixo:

¹ As traduções possíveis para a palavra *hudud* (دودحلا em árabe) foram consultadas no *Alcorão Sagrado* (2:230: “E esses são os **limites** de Allah, que Ele torna evidentes, para um povo que sabe”; 58:4: “E esses são os **limites** de Allah. E, para os renegadores da Fé, haverá doloroso castigo”) e contaram com auxílio do Cheikh Houssam El-Boustani, presidente executivo e professor de árabe e de religião do Centro Inter-fé das Américas para Diálogo e Educação no Brasil.

Tabela 1

Trecho da obra	Interpretação
“ <i>Hudud</i> era tudo que fosse proibido pela professora”; “Para uma criança respeitar a <i>hudud</i> significava obedecer” (MERNISSI, 1996, p.11).	Limitações
“Ser muçulmano era respeitar a <i>hudud</i> ” (Ibidem, p.11); “Alá enviara os exércitos do norte ao Marrocos para punir a violação pelos homens da <i>hudud</i> que protegia as mulheres” (Ibidem, p.10-11).	Religiosa
“A primeira fronteira era aquela que separava, em nossa casa, a sala de entrada e o pátio principal” (Ibidem, p.11).	Físico-espacial
“Os cristãos, da mesma forma que os muçulmanos, lutam entre si o tempo todo, e os espanhóis e franceses quase se mataram uns aos outros ao cruzarem nossas fronteiras ” (Ibidem, p.10).	Geográfica

Fonte: Elaboração própria.

Independentemente da interpretação atribuída à palavra *hudud*, a ideia de transgredir fronteiras é recorrente no livro, por esse ser um dos principais objetivos das mulheres que vivem no harém, sobretudo da protagonista Fatima, como ela mesma afirma: “Nasci dentro do próprio caos, uma vez que nem os cristãos, nem as mulheres aceitavam as fronteiras” (MERNISSI, 1996, p.9).

A própria Fatima se coloca na história, o que é percebido pelo uso de primeira pessoa: “O portão de **nossa casa** era, sem sombra de dúvida, uma *hudud*, uma fronteira, porque não se entrava nem se saía por ele sem permissão” (Ibid., p. 31, grifo nosso). Aqui Fatima não é apenas a narradora, mas também a voz por trás de toda a produção narrativa. Os discursos que emergem dos diálogos da personagem Fatima e das suas reflexões elucidam uma memória afetiva da autora e ajudam a construir uma memória coletiva das mulheres marroquinas. A memória coletiva é evidenciada a partir das memórias individuais de infância da autora em seu processo de interação social. Tudo isso ocorre dentro de um discurso constituinte, que, neste caso, é a obra (ou inscrição) literária, a qual legitima tanto a narrativa quanto as narradoras.

Para Maingueneau (2012, p. 68), quando se trabalha com discursos constituintes, “[...] estamos diante de sólidas estruturas textuais que pretendem ter um alcance global, dizer algo sobre a sociedade, a verdade, a beleza, a existência...”. Na sua obra, Mernissi fala sobre sua infância, e, além de relatar os eventos desse período, ela, acima de tudo, denuncia a desigualdade de gênero que ocorria dentro da cultura marroquina e as fronteiras com que as mulheres precisavam lidar. Os discursos em primeira e terceira pessoa (neste caso, quando referidos às outras mulheres dos haréns) demonstram que, se há uma constituição no discurso constituinte, há o direito à fala de diferentes fontes, e é por isso que tantas vozes e discursos se revelam.

A primeira fronteira encontrada por Fatima, dentro de sua narrativa, foi em sua infância, aos 3 anos, a qual é percebida pelo olhar da própria personagem, que, ainda na escola, temia a professora, que dava aulas segurando um “chicote comprido e ameaçador” (MERNISSI, 1996, p.11). A menina Fatima respeitava tudo o que a professora dizia, e o conceito de *hudud* já lhe fora apresentado na escola. Era necessário respeitar as fronteiras para que se vivesse bem. As fronteiras religiosas (entre cristãos e muçulmanos), as fronteiras culturais (Marrocos lidava com invasões estrangeiras), as fronteiras de gênero (entre homens e mulheres), e mesmo as fronteiras físico-espaciais (que separavam a sala de entrada e o pátio principal da residência de Fatima).

Conhecer a biografia de Mernissi, portanto, ajuda a legitimar a enunciação narrativa em sua obra, pois a autora revela discursos feministas dentro de outro discurso, o literário, o qual Maingueneau (2012) chamou de **discurso constituinte**, isto é, um discurso que se propõe como origem, legitimado por determinada cena de uma enunciação. Assim, os discursos constituintes, na concepção de Maingueneau (2012, p. 61), “[...]conferem sentido aos atos da coletividade, sendo, em verdade, os garantes de múltiplos gêneros do discurso”. É por isso que tal espécie discursiva admite variados gêneros e discursos em sua constituição. Neste trabalho, o discurso constituinte literário carrega as visões de mundo de Fatima, que, a um só tempo, sendo um sujeito ficcional e empírico, é atravessada pelos discursos feministas de diferentes sujeitos que se manifestam, entre os quais estão os da mãe de Fatima, da tia Habiba, da prima Chama, da Vó Yasmina e de Mina, personagens escolhidas, dentre outras, por questionarem, à sua maneira, o sistema social em que estavam inseridas.

Ainda sobre as fronteiras, há várias passagens no livro que as evidenciam, como estas:

Meu pai sempre me disse que os problemas com os cristãos começam, da mesma forma que com as mulheres, quando não se respeita *hudud*, ou fronteira sagrada. [...] Ao criar a Terra, Alá separou os homens das mulheres e pôs um mar entre muçulmanos e cristãos, e fez isso de propósito, meu pai sempre me disse (MERNISSI, 1996, p.9).

Esse trecho sugere que as fronteiras foram criadas por Deus (**fronteira sagrada**), mas é bom lembrar que o fragmento faz parte do discurso construído pelo pai de Fatima, um homem que defendia o respeito às fronteiras como uma necessidade para se evitar conflitos. Além desse trecho, há outros no livro de Mernissi que indicam a **fronteira de gênero**:

“Podia, se quisesse, sentar-me à fria soleira de mármore branco, mas nem pensar em juntar-me a meus primos mais velhos, que a essa hora já se divertiam no pátio. ‘Você ainda não sabe se defender’, dizia minha mãe” (Ibid., p.11). E mais

adiante: “À direita do pátio, ficava o mais elegante de todos os salões – a sala de estar dos homens, onde eles comiam, inteiravam-se das novidades, tratavam de negócios e jogavam cartas” (Ibid., p.15).

Os dois trechos acima citados manifestam a visão dos homens da família, que rejeitavam a igualdade de direitos entre eles e as mulheres e as categorizam como “inferiores” ou “indefesas”. Essa visão é reproduzida, no primeiro trecho, pela mãe de Fatima, que, mesmo contrária a esse pensamento, respeitava as regras e fronteiras impostas. A mãe de Fatima, segundo diz a própria filha, “[...] sempre recusara a superioridade masculina como um absurdo e como algo inteiramente contrário ao espírito muçulmano – Alá nos fez todos iguais” (Ibid., p.17). Apesar de não agir para mudar a sua condição em um primeiro momento, a mãe de Fatima, aos poucos, começava a transgredir a ideia de “superioridade” masculina nas suas conversas com Fatima e outras mulheres da família. Mais adiante, em outra passagem, a mãe de Fatima questiona: “E me diga só uma coisa: o que é mais importante, a tradição ou a felicidade das pessoas? [...] Essa tradição, estou com ela atravessada na garganta” (Ibid., p.94).

Fatima também traz em seus discursos muitos questionamentos que favorecem a mulher e que criticam o modo como alguns homens as tratavam. Vejamos o exemplo a seguir:

Um harém tinha a ver com homens e mulheres – este era um fato. Também tinha a ver com uma casa, muros e ruas – outro fato. Tudo muito simples e fácil de visualizar: é só levantar quatro muros dentro do traçado das ruas, e tem-se uma casa: põem-se as mulheres na casa e deixam-se os homens saírem. Mas o que aconteceria, aventurei-me a perguntar a Samir, **se puséssemos os homens na casa e deixássemos as mulheres saírem?** (Ibid., p. 59).

O jogo de palavras *homens–fora / mulheres-dentro* traz à luz a relação desigual entre homens e mulheres no harém. O estar fora remete à liberdade, e o estar dentro, à prisão. Logo, Fatima já expunha em suas elucubrações o desejo de subverter o estado atual, oferecendo outra possibilidade: *mulheres-fora / homens-dentro*.

Similar a essa ideia de superioridade dos homens, expressa por meio do jogo de palavras simbólicas **dentro** e **fora**², tem-se em Bourdieu (1999) a representação de espaços que dividem homens e mulheres nas casas berberes³. Por meio das disposições de objetos, pessoas e animais, depreende-se em Bourdieu um código cultural no qual as mulheres ficam sob a proteção dos homens (maridos, pais, irmãos e primos), ocupando as partes baixas e escuras da casa, enquanto

² Grifos nossos.

³ Povos do Norte de África organizados em tribos e que falam línguas berberes, da família de línguas afro-asiáticas.

os homens ocupam os espaços acima, mais iluminados. Os espaços de mulheres eram fechados, protegidos de intrusões e olhares; já o espaço masculino era “[...] o lugar da assembleia, a mesquita, o café, os campos ou o mercado; de um lado, o segredo da intimidade; do outro, o espaço aberto dos relacionamentos sociais” (BOURDIEU, 1999, p. 149).

À semelhança da explanação de Bourdieu, as mulheres de Mernissi, que também vivem ao Norte da África, são superprotegidas ou escondidas, já que não frequentam espaços sociais com os homens. Os discursos de Fatima e de sua mãe até agora permitem inferir que o problema vivido por elas estava na imposição masculina, reflexo duma tradição patriarcal que as mulheres da história questionam no decorrer da narrativa. Não era somente a religião que impunha fronteiras, mas também a cultura e a mentalidade predominantes.

Cercada, portanto, de fronteiras sociais, culturais e religiosas, a personagem Fatima, ainda muito jovem, incutiu em sua mente que deveria ultrapassá-las. Ela e muitas outras mulheres que viviam por trás dos muros do harém tinham um único sonho: “transgredir”. Daí o título da obra: *Sonhos de transgressão*. Esse pensamento evidencia a especificidade de uma comunidade muçulmana; conforme afirmou Barlas (2012, p.205), é difícil encontrar, em nossa época, “[...] muitas sociedades muçulmanas nas quais as mulheres estão se transformando”. No livro de Mernissi, porém, nota-se que a mudança acontece, principalmente, de dentro dos muros dos haréns.

Barlas (2012, p. 209) observa que “[...] muitas das práticas sociais e culturais das sociedades muçulmanas têm pouco ou nada a ver com o islamismo, sobretudo o expresso nos ensinamentos do *Alcorão*”. Essa visão também aparece nos discursos das mulheres próximas de Fatima, cuja avó Yasmina, num diálogo com sua neta, diz:

O mundo não estava interessado em ser justo para com as mulheres. As regras foram feitas de forma a prejudicá-las dessa ou daquela maneira. Por exemplo, tanto os homens como as mulheres trabalhavam do alvorecer até altas horas da noite. Só que os homens ganhavam dinheiro, e as mulheres, não (MERNISSI, 1996, p. 79).

Yasmina esclarece à Fatima que existem regras invisíveis em qualquer espaço em que as pessoas estejam; entretanto, na maioria das vezes, elas são contrárias às mulheres. O trecho em destaque é uma dessas regras invisíveis e trata sobre as mulheres que trabalham e não têm o devido reconhecimento. Yasmina comenta, ainda, que: “Talvez as regras sejam implacáveis porque não são feitas pelas mulheres”. Ao ser questionada sobre o porquê de não serem criadas pelas mulheres, Yasmina diz: “No momento em que as mulheres ficarem espertas e começarem a fazer exatamente essa pergunta, em vez de obedientemente cozinhar e lavar pratos

o tempo todo, descobrirão um modo de mudar as regras e virar o planeta de cabeça para baixo” (Ibid., p. 79). Esse diálogo entre avó e neta corrobora um discurso de consciência feminista, na medida em que aparecem argumentos que se opõem ao sistema patriarcal instituído.

O feminismo islâmico, segundo Lima (2014, p.680), “[...] é um movimento que se autodefine por objetivar a recuperação da ideia de *ummah* (comunidade muçulmana) como espaço compartilhado entre homens e mulheres”; noutras palavras, é um movimento que busca a justiça e a emancipação das mulheres. O feminismo islâmico passou por várias mudanças ideológicas e fases, mas este trabalho se apoia, sobretudo, na construção de um discurso feminista que busca a igualdade entre homens e mulheres, algo que não ocorria nos haréns de Fatima, daí o seu desejo pela mudança e sua oposição aos privilégios masculinos.

É importante ressaltar que as feministas marroquinas (e outras feministas muçulmanas) se pautam pela religião islâmica para defender os seus direitos, e frases como “regras não são feitas pelas mulheres”, “em vez de obedientemente cozinhar”, “mudar as regras e virar o planeta para baixo”, apesar de evocarem mudanças, estão distantes das lutas feministas ocidentais, que, muitas vezes, se desvincilham do pensamento religioso, o qual, embora uma mulheres marroquinas e lhes forneça argumentos para as suas lutas, também as oprime quando vinculado aos interesses masculinos. Como Mahmood (2019, p. 144) asseverou, “[...] onde a sociedade é estruturada para servir os interesses masculinos, o resultado será uma negligência, ou simplesmente supressão, dos interesses das mulheres”.

Em lugar de utilizar a ideia de “resistência” das mulheres frente aos homens ou às regras religiosas, prefere-se utilizar, neste trabalho, a ideia de **agência** feminina, conforme teorizada por Mahmood (2019), visto que os discursos aqui analisados reproduzem uma consciência feminista de agentes ativos que ultrapassam a mera relação binária “opressor/oprimido”.

As aspirações e os projetos de vida das marroquinas dos haréns da obra de Mernissi se diferenciam muito das mulheres ocidentais não muçulmanas, sobretudo das que surgiram após a década de 1950, visto que estas defenderam pautas como aborto, liberdade sexual e a liberdade de fazerem o que quisessem com o seu próprio corpo. As marroquinas, como Yasmina e Fatima, defenderam outros interesses, como a busca pela felicidade acima de tudo, conforme a própria Yasmina desejou à neta: “[...] não quero ver você voltada exclusivamente para as fronteiras e as barreiras tempo todo. Quero que se concentre em divertimentos, risos e felicidade. Isso sim é um bom projeto para uma jovem fina e ambiciosa” (MERNISSI, 1996, p. 80).

É notável, pela fala da avó, que a realização da mulher pode ser encontrada em atitudes simples, como em ter diversão, risos e felicidade, mesmo dentro dos haréns. Salienta-se que, quando se trata desigualdade, homens e mulheres têm responsabilidades sociais semelhantes no islã, e um dos trechos do *Alcorão* que atestam isso é:

E os crentes e as crentes são aliados uns aos outros. Ordenam o conveniente e coíbem o reprovável e cumprem a oração e concedem *az-zakah*, e obedecem a Allah e a Seu Mensageiro. Desses, Allah terá misericórdia. Por certo, Allah é Todo-Poderoso, Sábio (ALCORÃO SAGRADO, 9:71).

Nesse fragmento, nota-se que tanto o homem quanto a mulher, que sejam muçulmanos, devem cumprir as orações diárias, pagar o tributo religioso para um necessitado (*Az-zakah* ou *Zakat*) e obedecer a Deus e ao Seu mensageiro (*Muhammad*), ou seja, eles devem cumprir os pilares da prática e da fé islâmica da mesma forma, sem distinção.

Na obra de Mernissi, a menina Fatima conta que parte de sua infância passou ouvindo a história da Scherazade e *As mil e uma noites*; ela e suas primas viam na protagonista uma heroína estrategista, pois se utilizava de sua boa habilidade comunicativa para ludibriar o sultão e, assim, conseguir sobreviver a mais um dia. Assim como o profeta Muhammad é visto como homem guerreiro e exemplar pelos homens muçulmanos, há figuras femininas representativas para as mulheres, desde as religiosas, como Khadija e Aisha (esposas do profeta Muhammad), até as figuras míticas, como Scherazade, e todas essas mulheres fizeram suas próprias escolhas, mesmo em uma sociedade em que os homens ditavam as regras. Khadija, Aisha e Scherazade conquistaram seus próprios espaços à sua maneira, sem rebeldia e resistência. Isso não significa dizer que eram submissas, mas sim, que tiveram sua própria forma de transgredir a situação em que se encontravam.

A menina Fatima enxergava em Scherazade um exemplo que conseguiu transgredir sua condição de mulher comum, para se tornar a companheira e a esposa amada de um sultão, que, antes de conhecê-la, ordenou a morte de várias mulheres. Para a Fatima, sua tia Habiba também era uma dessas mulheres dignas de serem admiradas. Ela era uma contadora de histórias que encantava crianças com seu jeito gracioso de narrar e de apresentar as palavras, como expõe Fatima:

Ela sabia como conversar durante a noite. Sem usar de outro meio além das palavras, era capaz de nos introduzir a bordo de um grande navio que fazia a rota de Áden para as Maldivas, ou transportar-nos para uma ilha em que os pássaros falavam como seres humanos (MERNISSI, 1996, p.27).

Habiba conseguia criar um ambiente agradável e imaginativo e, dessa forma, entretinha as meninas, que não podiam sair do harém doméstico. Ela era divorciada e vivia no andar de cima do harém de Fatima; quase não tinha móveis, pois seu ex-marido havia lhe tirado quase tudo, mas, agora livre, sentia-se feliz e sabia manter a ternura com seus sobrinhos. Dizia ela sobre o ex-marido: “Ele não conseguirá nunca tirar-me o que é mais importante para mim: meu riso e todas

as maravilhosas histórias que sei contar quando estou diante de ouvintes que merecem” (Ibid., p. 25).

O divórcio é uma situação possível na religião islâmica e na cultura marroquina. O islã permite que a mulher se divorcie e se case novamente se for necessário. O recomendável é que o casal tente antes uma reconciliação, mas, se não for possível, será preferível que se divorciem. Sobre esse assunto, há vários trechos no *Alcorão*, entre os quais, esta sura: “E, se ambos (marido e esposa) se separam, Allah enriquecerá a cada um deles de Sua munificência” (ALCORÃO SAGRADO, 4:130).

No islã, o divórcio é um meio de resolver os problemas do casal quando se chega a uma situação incontornável. Habiba, sendo muçulmana livre, fez valer seu direito de pedir o divórcio e, dessa forma, demonstrou que não é uma mulher oprimida, pois fez uma escolha. Ela usou a própria lei islâmica para demonstrar a igualdade presente na religião, a qual permite divórcio a mulheres e homens. Barlas diz, assim, que uma leitura do *Alcorão* “[...] que desafie as interpretações opressivas e demonstre a natureza igualitária de seus ensinamentos poderá contribuir para o enfrentamento da discriminação sexual no mundo muçulmano” (BARLAS, 2012, p. 210). Já na concepção de Habiba, mesmo desprovida desse conhecimento teórico, sua luta usou como arma a própria fonte religiosa dos muçulmanos.

É evidente que a escolha de Habiba não lhe trouxe um resultado confortável, porque ela perdeu os seus bens, tomados por seu ex-marido, e vivia em um harém, sem poderes ou direitos. Para as mulheres marroquinas, obviamente, manter-se casadas era mais viável, pois poderiam, nessa condição, ter joias, luxo e poder de escolha (mesmo que de maneira limitada) em um harém. Porém, manterem-se solteiras quando o casamento não dava certo era uma opção possível para o seu projeto de busca por felicidade.

Sobre a questão do poder no harém, a prima de Fatima, Chama, tinha uma teoria sobre como surgiu o primeiro harém: as mulheres teriam sido capturadas por homens que queriam mostrar seu poder para outros governantes. Quanto mais mulheres tivessem, mais poderosos se mostravam. Chama questiona essa atitude masculina nos tempos atuais, visto que ela observa que os governantes franceses só têm uma esposa e continuam fortes. Com a sua observação, ela sugere que os homens não precisam ter mais de uma mulher nos tempos atuais (diferente do que ocorria na época do profeta Muhammad, quando as mulheres ficavam viúvas por causa das guerras). Chama vocifera sobre o presidente da República Francesa e a sua única esposa:

Essa única esposa passa seu tempo circulando pelas ruas, com saia curta e blusa decotada. Todos podem olhar para a sua bunda e os seus peitos, mas ninguém põe em dúvida por um momento sequer que o presidente da República Francesa é o homem mais poderoso do país (MERNISSI, 1996, p. 57).

Chama, dessa maneira, questiona o costume dos homens que desejam ter mais esposas, afirmando que o poder deles não é mais medido pelo número de mulheres que têm. Chama fazia pouco caso dos sultões dos haréns imperiais, e a sua atitude salientava um pensamento feminista que se opunha ao tratamento dado às mulheres, tidas por alguns sultões como “números” para se alcançar o poder frente aos inimigos.

Sabe-se que o povo árabe adotou, durante séculos, a poligamia, mas o islã foi a primeira religião que limitou o número de esposas: quatro no máximo, contanto que o marido possa ser equitativo com todas elas. Lê-se no *Alcorão Sagrado*:

Podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver entre as mulheres. Mas, se temerdes não poder ser equitativos para com elas, casai, então, com uma só [...]. Isso é o mais adequado, para evitar que cometais injustiças (ALCORÃO SAGRADO, 4:3).

Casar-se com mais de quatro mulheres, como a prima Chama mencionava em suas histórias para Fatima, era, em verdade, inviável, pois os sultões não conseguiriam ser equânimes com suas várias esposas. Chama, portanto, já lutava pelo direito à igualdade das mulheres dentro do casamento, tendo como princípio a religião islâmica.

Os haréns são resquícios de uma cultura patriarcal que dividia espaços e afazeres em “coisas de mulher” e “coisas de homem”. Pensamentos como esse, de diminuição da mulher em relação ao homem, levaram muitas muçulmanas a apoiarem movimentos sociais como o feminismo.

As reivindicações iniciais do movimento feminista na Europa vão ao encontro das lutas das mulheres marroquinas do livro de Fatima Mernissi, que desejavam ter os mesmos direitos que os homens na sociedade, tanto no casamento quanto no acesso ao conhecimento acadêmico, já que este, até então, era privilégio dos homens.

Os homens no harém de Fatima possuíam um salão elegante onde tratavam de negócios, jogavam cartas, inteiravam-se das novidades e ouviam rádio, enquanto as mulheres só tinham acesso a isso se entrassem escondidas no salão e se roubassem a chave do rádio, que ficava em um móvel trancado. Eles tinham, ademais, acesso ilimitado ao cinema do bairro, enquanto as mulheres só podiam sair com permissão. O conhecimento do mundo, portanto, era privado para as mulheres. Assim como as feministas europeias eram privadas de eventos sociais, intelectuais e culturais, muitas das mulheres marroquinas sofreram com essa desigualdade. Nesse aspecto, as mulheres marroquinas e as feministas europeias se aproximam, na recusa da inferioridade feminina e no desejo por justiça, conforme clamava Chama: “Tenho dezessete anos e não posso ir ao cinema porque sou uma mulher! Que justiça é essa?” (MERNISSI, 1996, p. 137). Chama

era uma das artistas da família, e todas as histórias que contava para as mulheres eram encenadas como se estivesse em um palco teatral. Suas apresentações geralmente incluíam protagonistas feministas como Aisha Tymour, uma egípcia que escreveu versos contra o uso do véu, mesmo estando retida em um harém, ou mesmo Huda Sha'raoui, uma aristocrata egípcia que chamou a atenção de governantes egípcios com discursos e desfiles populares na rua. As mulheres que inspiravam Chama também encantavam outras mulheres do harém, por suas lutas em prol dos direitos femininos.

Outra mulher que aparece na narrativa e profere um discurso de consciência feminista é Mina, uma escrava que morava no harém. Ela não tinha marido, nem filhos, tampouco parentes em Marrocos. Ela foi sequestrada no Sudão e vendida como escrava em Marrakesh, tendo ido de um mercado de escravos a outro, até que acabou no harém de Fatima como cozinheira, lugar onde ela encontrou algum conforto. Mina era muçulmana e rezava no terraço; todavia, tinha um hábito de dançar em público em festas religiosas, o que incomodava outras pessoas. Mina participava de rituais de danças de possessão (*hadra*), tradicionais na região; contudo, o seu espírito era afetuoso e cheio de calor humano, segundo diz a própria menina Fatima.

Mina dizia que, “[...] para os ricos, os *hadra* funcionavam como um divertimento, enquanto para as mulheres, como eu, são uma rara oportunidade de escapar, de existir de um modo diferente, de viajar” (Ibid., p. 185). Dada a situação em que se encontrava Mina, sem vínculos familiares, sem direitos e sem bens, o seu momento de transgressão encontrava-se em um ritual que a unia com o divino. A dança de Mina apresentava um caráter subversivo, pois, durante o ritual, as mulheres se entregavam à sua liberdade, como “[...] se todo o pudor e todas as restrições impostas ao corpo houvessem sido abandonados” (Ibid., p. 186).

Mina representa, portanto, a voz das mulheres que buscam libertação por meio da dança, e esta, além de cumprir um papel libertário, oferece contato com Deus (*Allah*). A marginalidade em que está envolta – por ser mulher, escrava e pobre – é superada pela liberdade alcançada no momento da dança.

Na tradição liberal, a liberdade chamada de “positiva” (há também a “negativa”, que não vem ao caso) é entendida como a capacidade de realizar a vontade própria, “[...] geralmente entendida em termos dos predicamentos da ‘razão universal’ ou do ‘interesse individual’ e, portanto, liberta do peso do costume, da vontade transcendental e da tradição” (MAHMOOD, 2016, p.144).

As mulheres do harém de Fatima e sua família articulam seus próprios discursos de forma autônoma, conferindo significados liberatórios a eles.

A mãe de Fatima, por exemplo, ensina a jovem a protestar: “Você precisa aprender a gritar e protestar, da mesma maneira como aprendeu a andar e falar” (MERNISSI, 1996, p. 18). Na sua condição de mãe, de conselheira e de mulher mais velha e vivida, essa mãe vivifica o feminismo de um ponto de vista materno,

como aquela que não deseja que sua filha se cale diante das desigualdades de gênero cometidas na sociedade.

A avó Yasmina morava em um harém diferente de Fatima: era uma fazenda grande, sem as fronteiras impostas por muros; ela era livre para nadar, colher, cavalgar, mas, acima de tudo, prezava pela liberdade de seu país (do domínio francês e espanhol), das mulheres dentro dele, para que pudessem ter os mesmos direitos que os homens; ademais, defendia a igualdade entre as mulheres que eram coesposas. Para ela, a desigualdade de gênero contrariava a lógica; sendo assim, o seu discurso é feminista, na medida em que se manifesta em prol das igualdades e das liberdades.

Tia Habiba, por sua vez, por meio de seu talento como contadora de histórias, instiga Fatima a desenvolver as asas de sua imaginação e a voar para fora dos limites do harém, em busca de outras culturas, outras realidades e outras perspectivas. O seu dom de contar histórias se assemelha ao de Scherazade, e ambas, mediante os seus discursos, perpassaram sua condição de mulher obediente para a de mulher que controla sua própria vida. Habiba incentiva Fatima a buscar seu talento com qualquer coisa, seja ela “[...] cantar, dançar, cozinhar, bordar, ouvir, olhar, sorrir, esperar, aceitar, sonhar, rebelar-se, saltar” (Ibid., p. 149). Qualquer uma das coisas que Fatima fizesse poderia mudar sua vida e sua condição. Em outras palavras, a mulher, segundo Habiba, poderia escolher o que quisesse, desde que fosse feliz e realizada com aquilo.

Prima Chama, por fim, era uma artista nata, e seu talento em atuar propiciou um cenário em que ela podia se manifestar livremente sobre suas inquietações acerca da sociedade patriarcal, citando inspirações feministas para embasar seus argumentos.

De um ponto de vista mais ocidental, talvez as mulheres muçulmanas marroquinas dos haréns fossem interpretadas como passíveis, dóceis e sem voz, mas, neste trabalho, interpreta-se que as ações dessas mulheres, cada qual à sua maneira, são formas de agência (isto é, modos de agir sem precisar apresentar resistência às normas, o que vai de encontro às ações típicas de movimentos feministas ocidentais).

O livro de Mernissi permite refletir sobre as mulheres muçulmanas marroquinas e seus diferentes objetivos liberatórios, pois o desejo de liberdade e a libertação delas por intermédio do “transgredir fronteiras” estão historicamente situados (Marrocos, nas décadas de 1940-1950, diante duma invasão estrangeira) e devem ser considerados neste contexto em que se encontram os sujeitos (mulheres muçulmanas em haréns). Prima Chama defendia que todas as mulheres tinham asas invisíveis, e é possível concluir que, nesta análise, cada uma das mulheres alçou o seu próprio voo, com as suas próprias asas.

Considerações finais

O livro de Fatima Mernissi é significativo para entender não somente costumes e valores das mulheres marroquinas das décadas de 1940 e 1950, que em muito se aproximam de outras mulheres muçulmanas de outras épocas, mas também para entender de que maneira um discurso constituinte – no caso, o literário – pode ser atravessado por discursos feministas islâmicos e, assim, por meio deles, denunciar a visão patriarcal que existe em determinada cultura, como a marroquina, e que, por diferentes motivos, é confundida com a visão religiosa.

O livro em questão contém memórias de infância de Fatima com passagens que revelam situações, indagações e desejos reais, como transgredir fronteiras que separam o que é proibido do que é permitido. Além disso, essa obra provoca uma reflexão sobre o patriarcado impregnado nas culturas de maioria muçulmana e, por isso, clama para que os direitos de ambos os gêneros sejam respeitados e seguidos de acordo com as escrituras e leis islâmicas.

Fatima Mernissi é um exemplo de mulher forte, que não aceitou permanecer atrás das fronteiras impostas e, por meio de sua literatura engajada, trouxe não somente a visão da mulher no islã, livre de preconceitos ocidentais, como também explorou as belezas da religião e cultura marroquina no seu ambiente familiar. O discurso literário, aqui, funcionou como uma estratégia para dirimir a visão errônea acerca do islã, trazendo à luz uma nova visão, com menos preconceitos, mais encantamento e mais reflexões.

Assim como a protagonista Jade, da novela *O clone*, que desejava buscar a sua própria felicidade, livre de imposições dos homens e dentro de sua religião, Fatima também busca sua felicidade, e, para isso, ela questiona o poder instituído masculino, que se sobrepõe aos direitos femininos: “Por que não podemos escapar ao poder da diferença? Por que homens e mulheres não podem continuar a brincar juntos mesmo quando forem mais velhos? A fronteira demarca a linha do poder [...] os poderosos de um lado, e, do outro, os sem poder” (MERNISSI, 1996, p. 278-279).

Enquanto os homens controlarem as fronteiras, existirão mulheres sonhando transgredi-las, sejam elas Jades, Fatimas ou quaisquer outras mulheres, muçulmanas ou não.

FREITAS, P. C. P. The feminist discourses of muslim women in the harems of Fatima Mernissi. **Itinerários**, Araraquara, n. 55, p. 201-216, jul./dez. 2022.

■ **ABSTRACT:** *This article aims to analyze the feminist discourses that are constructed from statements about Muslim women from Fatima Mernissi's family. These discourses are revealed through a constituent discourse, in other words, a discourse of origin, which*

in this case is an autobiographical literary work, written by the protagonist Fatima, who narrates her childhood memories and dialogues with women with whom she lived in two harems (one in Fez and the other on a farm). The analyzed discourses show women who aim to transgress borders within their own social circumstances, through different agencies (subject agents). Agencies are understood as the “capacity to realize one’s own interests against the weight of custom” (MAHMOOD, 2019). Therefore, the article allows us to reflect on the condition of Moroccan Muslim women and their different liberating objectives and also contributes to understanding how gender inequality can appear in a society in which patriarchal values are perpetuated instead of the equality proposed in the pillars of Islam.

■ **KEYWORDS:** *Feminist discourse. Muslim women. Agencies. Constituent discourse. Fatima Mernissi.*

REFERÊNCIAS

- ALCORÃO. Português. **Alcorão Sagrado**. Tradução de Dr. Helmi Nasr. Complexo do Rei Fahd para a Impressão do Alcorão Nobre, [19--?].
- BARLAS, Asma. Globalização da igualdade: a mulher muçulmana, teologia e feminismos. **Meritum**. Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 201-228, jan./jun. 2012.
- BOURDIEU, Pierre. (1999). A casa kabyle ou o mundo às avessas. **Cadernos de campo**. São Paulo, 8(8), p. 147-159, 1991.
- LIMA, Cila. Um recente movimento político religioso: feminismo islâmico. **Estudos feministas**, Florianópolis, n. 22 (2), p. 675-686, 2014.
- MAHMOOD. Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**, vol. 23, n. 1, p. 135-175, 2019.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Sírio Possenti, Maria Cecília Perez e Souza-e-Silva (Orgs). Tradução de Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2012.
- MERNISSI, Fatima. **Sonhos de transgressão: minha vida de menina num harém**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

